

CAMINHOS PERCORRIDOS 1

O estirão foi tormentoso, mas edificante.

Tudo começou no inverno de 1970. Naqueles dias, a nação brasileira vivia sob o domínio do medo imposto pela ditadura militar instaurada no País em 31 de março de 1964. Em plena vigência do AI 5, o chefe do Regime era o general "linha dura" Emílio Garrastazu Médici, que governou com mãos de ferro, entre 1969 e 1974, período conhecido como "Anos de Chumbo".

1/3

A despeito de tanta escuridão, o dia 21 de junho daquele ano ficou marcado pela alegria contagiante que invadiu os corações pátrios: a seleção brasileira sagrou-se tricampeã mundial de futebol, no Estádio Azteca/México, encantando o mundo com o futebol-arte de craques que jamais serão esquecidos e levando ao delírio 90 milhões de almas vestidas de verde e amarelo, entoando Pra Frente Brasil.

No meu caso, embora regozijado com a conquista do tricampeonato, aos dezoito anos de idade, toda a minha atenção estava voltada para a tragédia política que se abatera sobre o Brasil, agravada pela edição do AI 5 em 1968 e pela ascensão do general Médici em 1969.

Com esse sentimento, naquele mesmo dia comecei a militância política efetiva, ingressando definitivamente no MR 8 - Movimento Revolucionário 8 de outubro, organização política marxista.

Foram sucessivas batalhas combatendo e denunciando as atrocidades praticadas pelo Regime Militar, acalentando o sonho de reconduzir o Brasil à democracia.

"Oh! Adoráveis ilusões da mocidade!"

Rotularam-me então de comunista.

Jamais fui comunista!

Aliás, ao lembrar dessa infâmia sinto ecoar as palavras do saudoso arcebispo emérito de Olinda e Recife, Dom Hélder Câmara: *"Quando dou comida aos pobres, me chamam de santo. Quando pergunto porque eles são pobres, chamam-me de comunista."*

Meu tormento começou mesmo em 1974, quando fui preso por 3 meses, torturado e recolhido à solitária por 10 dias.

Mas para um paladino das liberdades as celas das cadeias não são masmorras da vergonha, são tributos da liberdade e da dignidade humana.

Afinal, para que serve a utopia senão para que eu não deixe de caminhar?

Ademais, quem luta por liberdade não descansa nunca. Com o tempo, muda de estratégia e substitui as ferramentas. Deixa de usar o argumento da força e passa a valer-se da força do argumento.

Com tais convicções, ao sair, o grande desafio era prover a subsistência, estudar e retomar a militância com a mesma energia e a mesma intrepidez.

Em 1975, pressionado pelo Regime, o único caminho foi o exílio.

Assim, aos 23 anos, sentia-me no marco zero da caminhada, sempre atormentado pela saudade da pátria querida.

Paris foi a cidade que me acolheu e me deu um norte quando todas as portas se fecharam. A França é ao mesmo tempo una e multicultural. Berço de ideais libertários.

Foram 1.278 dias de trabalho, estudos e reflexões que me conduziram à maturidade precoce.

Trilhando caminhos tortuosos, ali construí minha própria cultura, que ainda hoje permanece como base de minhas ideias políticas, fundamentadas, de um lado, na tradição humanista francesa de Montaigne e Romain Rolland, passando por Montesquieu, Voltaire, Diderot, Rousseau, D'Alembert, Victor Hugo e, por outro lado, no humanismo russo de Tolstói e Dostoiévski, denunciador da miséria e da tragédia humana.

Memorável experiência. A cada dia uma descoberta!



Por fim, a compreensão da mediania aristotélica, que consiste na busca do equilíbrio, foi fundamental no processo de construção. Iluminado pelo sol do Mar Egeu, disse o pensador ateniense ao finalizar a Doutrina do meio-termo: "*Os impulsos humanos podem levar o indivíduo a extremos, ao passo que a virtude está no*

equilíbrio, ou seja, no controle sobre esses impulsos". Vale dizer: nem tanto ao mar, nem tanto à terra; a virtude está no meio. O agir prudentemente, moderadamente, comedido, prenuncia a maturidade.

Lição que ficou: ser livre é conseguir flutuar entre a diversidade e a multiplicidade, sem perder a identidade.

Na primavera de 1978, movido pelos ventos langorosos de uma anistia que só chegou um ano depois, voltei para juntar pedaços.

Sobrevivi!

Jorge Freitas, cronista.



Jorge Freitas
in Prosas & Reflexões
ilustração e formatação: Leticia Moreira

Inverno/2022.